

Catullo da Paixão Cearense

BAM

869.91

J. 387

# O SOL E A LUA

— — COM PREFACIOS  
dos Srs. Coronel Dr. Salles Filho,  
Professor Dr. J. P. Porto-Carreiro  
e Professor Georges Dumas da  
Universidade de Paris      — —

40524

BAM

869.91  
0387.1

SOL

28.1





*M*todas as literaturas existem dois tipos de poesia perfeitamente individuados: a poesia de cultura e a poesia espontânea ou da terra. Na poesia cultural refletem-se as tendencias universais; na poesia da terra, exprime-se o genio peculiar de cada povo e do seu proprio ambiente geográfico.

Temos tido grandes poetas de cultura, como ALVARES DE AZEVEDO e BILAC; mas em CATULLO DA PAIXÃO CEARENSE encontramos o poeta da terra, caracterizando o Brasil na harmonia do seu poema, como já o fizéra, na prosa, EUCLYDES DA CUNHA.

CATULLO é mesmo, sem favor nenhum, o notavel precursor dessa literatura regiona-

lista e, no rítmico do seu verso opulento, ha de vibrar, para sempre, numa exuberancia verdadeiramente tropical, o incomparavel sentimento da terra brasileira. É isso que palpita em o "Sol e a Lua", grandiosa sintese de sua poesia e são os tesouros do ilustre bardo que ora se divulgam neste primoroso trabalho das oficinas gráficas da Imprensa Nacional.

SALLES FILHO.





**A**O espírito moderno, voltado para o pragmatismo da vida, a arte quasi repugna. A arte de hoje, quando não seja a arquitetura buscando apenas o conforto, revela a pressa de exprimir o sentimento, deixando à imaginação a tarefa quasi exclusiva de criar o conteúdo de imagens, ou traduz, como fruto da severa crise do pensamento, a pura e ingenua regressão às maneiras instantâneas, na garatuja informe no modelado, soez, na parolagem tartamuda, na solfa desarmônica e arritmica...

Não basta, entretanto, à natureza humana o prazer que conduz diretamente o homem a assegurar a sua nutrição e a perpetuidade da espécie. O trabalho obscuro, subterrâneo,

*das evocações inconscientes, que tem as suas raízes na fantasia infantil, compele-nos a idealizações que, sem finalidade imediata e sem compreensão perfeita do seu trâmite, são verdadeira necessidade humana, para a descarga dessa energia inominada, desconhecida que desborda do individuo em forma, ritmo e harmonia, na reprodução das imagens vividas e sonhadas.*

*A verdadeira arte, que não obedece a cânones preestabelecidos, mas que segue as diretrizes dos impulsos humanos, não pode ser a copia fiel da natureza nem a reprodução exata das impressões infantis; retratando a natureza e os sentimentos primitivos, aplica-lhes a maneira do adulto e rege-se por leis biológicas irresistíveis. Ao leitor, ao ouvinte, ao espectador, qualquer cousa íntima lhe diz o que é arte e o que é artifício; essa qualquer cousa íntima são-lhe os próprios complexos um dia recalcados e que encontram por fim, na expressão artística dos outros, a velha*

*magem refreiada que não pudera vir á tona do conciente. O reconhecimento da idéa é fonte de prazer; mas os sentimentos que, por desagradáveis houveram de ser fugidos e as impressões brutais da natureza que causaram angústia e pavor não hão de ser reproduzidos tais quais — ou não despertarão prazer, mas sim a angústia, o medo, o desagrado.*

*Conciliar essa renovação de impressões arcaicas com a idealização sonhada na própria infancia e tudo isso à maneira da mente adulta — eis a verdadeira tarefa da arte — simbolização de sentimentos ocultos, estilização do real da vida, não cópia e reprodução. A arte não diz o mundo tal qual é, mas qual quizeramos que fosse.*

*A poesia de Catullo da Paixão Cearense, impar em a nossa literatura, tem um sabor acre de primitivo, sob a casca de uma civilização que mal encobre o cerne sertanejo da alma do poeta. Ele pudera imitar apenas o violeiro rude do sertão ou das praias do Norte,*

*onde viveu menino; não lhe seria difícil; seria poesia falsificada, que nos daria um sentimento de ternura pela ingenuidade, dos temas pela pobreza da técnica, pela demasiada fidelidade das imagens naturais. O que a gente admira nesse folclore como em qualquer outra manifestação de arte primitiva é principalmente o contraste entre as imagens e a inópia da técnica: mais ou menos, o que acontece com os fenomenos da mente infantil: a revelação inesperada de recursos de lógica, o emprego insólito de expressões novas, mas tudo através de uma linguagem imperfeita e com a exteriorização de conceitos errôneos, por isso que colhidos da impressão direta dos sentidos. A arte primitiva é arte imperfeita, que nos delicia, em parte, porque nos leva às nossas próprias evocações infantis e, por outro lado, nos obriga ao trabalho mental de prótese, para completá-la até a idealização do perfeito.*

— *Esses trovadores sertanejos, que admi-*

raveis poetas não seriam, se tivessem cultura! — eis o que nos acode à mente ou nos sai mesmo dos lábios. E no entanto, conduzidos à civilização — como nos desiludiriam eles! Buscariam escravizar-se aos cânones, teriam pudor da sua espontaneidade, abandonariam a viola pela pena, a ideologia pelo pragmatismo e seriam artistas banais ou cavadores práticos da vida.

A poesia de Catullo Cearense tem isto de singular: não é a arte pirmitiva, emperfeita, nem o seu PASTICHE, a sua contrafração; não é tampouco a arte erudita, de tardão e espada, a arte academica, ritual, dogmatica; não é a fuga para a arte louca, regressiva, perversa, das escolas modernas, accessíveis aos snobs, aos cabotinos e aos neuróticos. E' a conciliação do espírito primitivo do sertão brasileiro com a linguagem culta dos que podem, melhor do que o matuto, dar o verdadeiro valor á arte. Neste poema bem se pode sentir isto. O tema é velho: é desses a respeito dos quais pareceria

*não ser possível dizer cousa nova. Catullo não foge ante essa dificuldade. A maneira sertaneja tem recursos que a gente civilizada esqueceu e desprezou; com esse material precioso de imagens ingênuas, é possível fazer arte à altura da civilização, tal como dos detalhes da nossa flora e fauna é possível criar motivos brasileiros para o lar mais requintado de conforto moderno.*

*Catullo consegue-o. Mas, ao lado da sua poesia, está a ouvir-se o retintim do arame das violas, na sua cadencia marcada, firme, entre os floreios que brincam sob o choque leve dos dedos irrequietos. O sol do sertão: esse sol sempre presente, esse sol que fecunda e que mata, que amadura os frutos e bebe a água dos rios, que curte a pele do vaqueiro e o enrija para a luta vital e que esturrica o sólo abrazado e resseca e incendeia a messe do lavrador — esse sol aí está, onipresente e severo como um deus vingador, franco, sem tergiversações, sem véos, de nuvens, desabrido*

e leal, como sertanejo. O luar do norte, indefinivel para quem o não tenha visto, num céo muito alto, de uma limpidez em que se vêem a olho nú um número de estrelas que outras regiões não conhecem — um luar grande, vasto, bom, que penetra o seio da floresta, que ameiga o contorno do casario rude, que transforma em colunatas de claustro os renques de coqueiros, que lava as serras com uma água de leite e que parece trazer do ceo o perfume que exalam os calices selvagens; um luar que, nas praias, parece tão grande como o oceano e a cuja luz diáfana perpassam ao longe, como azas espalmadas, as velas das jangadas... Esse luar aí está, santo e ingenuo, na plenitude da luz, misterioso na mudança dos quartos, na sua ausencia das noites negras, onde apenas o vento fresco denuncia, na sua musica ciciante e nos perfumes que carreia, a vida eterna da natureza.

Não é difícil perceber que as reminiscencias infantis de Catullo aqui estão, na arte

deste poema. Sente-se, em breve, que a viola serenou e os cantadores se calaram. Um trecho de poesia culta resôa no silencio. Inutil, porém, a tentativa: o matuto responde, na sua linguagem espontanea, versando os mesmos temas: e o “sertão em flor” desabrocha, então, em todo o viço da vegetação renascida à primeira chuva. O Brasil ingenuo, o Brasil inferior, que se não peja de se-lo mas que demonstra da sua própria energia é possivel fazer o Brasil maior — surge-nos ante a vista. Não é a cópia européa ou norte-americana; não é o regresso ao primitivo nem o conformar-se com a civilização imperfeita. E’ a mente do caboclo capaz de guiar um arado e de mover uma máquina. E’ o espírito brasileiro, consciente de si mesmo.

*Bem haja o poeta do Brasil!*

*Rio, março de 1934*

J. P. PORTO-CARRERO.





## AO LEITOR

Este livro tem, naturalmente, um pae, que sou eu, e, milagrosamente, um padrinho, que é o Dr. Salles Filho. Ordeno-lhe, desde já, que sempre lhe tome a bençam, pois, sem elle, o seu padrinho, — talvez morresse pagão. Ao meu nobre *compadre*, Dr. Sallès Filho e ao professor Dr. Porto Carrero, que lhe dedicou outro magnifico prefacio — os meus cordiaes reconhecimentos.

As palavras do grande sabio Dr. Georges Dumas me foram offerecidas n'uma festa em casa do Dr. Silva Mello, festa em que se achava presente e em que recitei o final do "Flor da Noite", dos "Poemas Bravios", de onde nasceram estes dois poemas, que, segundo diz o Dr. Salles Filho, é a synthese de toda a minha obra poetica.

O autographo do Mestre está em mãos do Dr. Astorio de Campos, a quem o offereci.

\* \* \*

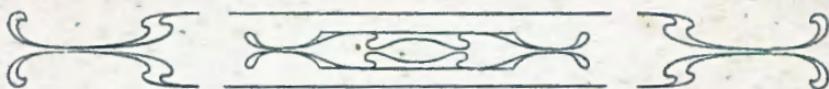
Aproveitando o ensejo, quero dizer-vos que recitei pela primeira vez estes poemas no palacete do Dr. Leite Garcia no Alto da Bôa Vista, e a lembrança dessa noite me fez prece-del-os do "scenario" que ides ler. O Dr. Leite Garcia, espirito scintillante e finissimo cavalheiro, convidou varios amigos para me ouvirem, e "escolheu" uma noite das mais sublimes que tenho admirado.

O auditorio era a essencia do que ha de mais bello, formoso e intellectual. Rodeado de senhoras e senhoritas, tendo ao meu lado uma orchestra de violões, regida por João Pernambuco, o principe dos violãonistas brasileiros, sob o firmamento pintalgado de estrellas, naquelle ambiente, marchetado de luzes multicores, irradiadas de todos os angulos do palacete, parecia-me estar n'um palacio de Fadas! Ao terminar o primeiro poema, recebendo prolongada salva de palmas, o Dr. Leite Garcia, depois de um fervoroso improviso aos meus versos, convidou uma senhorita para que executasse ao piano a sonata "Ao Luar" do immortal Beethoven, em homenagem á Lua e á Mulher. Apagaram-se, então, todas as luzes, toda a illuminação do palacete, para que só se visse a da Lua, que vinha nascendo. A musica do grande mestre foi ouvida e applaudida religiosamente, reaccendendo-se as luzes aos seus ultimos compassos.

Foi a vez de Pernambuco, que tocou ao violão um dos seus mais bellos *choros*, acompanhado brilhantemente pelo terno. Feito pequeno intervallo, comecei a recitar o segundo poema — Chico Azulão. Ao terminal-o com outra salva de palmas, a Exa. esposa do Dr. Leite Garcia, secundada pelo seu irmão, Dr. Virgilio de Oliveira Castilho, jurisconsulto, poeta, pianista e compositor, pediu-me que cantasse o "Luar do sertão", o que fiz, acompanhado por um côro de todos os presentes, tão sonoro e harmonioso, tão harmonioso e sonoro, que não posso deixar de manifestar o meu reconhecimento ao Dr. Leite Garcia, por me ter proporcionado uma noite de ineffável e indelevel recordação.



# **DEDICATORIA**



## AOS SARGENTOS DO BRASIL

SARGENTOS da minha Patria!  
Eu vcu contar-vos um caso,  
Um caso surprehendente  
De profunda suggestão.

Foi num dia, bem me lembro,  
Dezenove de novembro,  
Dia em que nós festejamos  
Nosso bello Pavilhão.

Passeando numa floresta,  
Dentro do matto virente,  
Ouvi um canto imponente  
De tão suave expressão,  
Que me acordou na memoria

Outro cantico de gloria,  
Que sempre que nós ouvimos,  
O amor da Patria sentimos  
Fremindo no coração.

Não! Não foi uma illusão!

Vi e ouvi, maravilhado,  
Num arbusto alviçareiro,  
Um Sabiá lisonjeiro,  
Cantando a não poder mais!  
E ao canto doce e fagueiro  
Da sua garganta de ouro,  
As outras aves, gorgeando,  
Alegres, faziam côro  
No meio dos mattagaes!

O arbusto, em que elle cantava,  
Tinha as fructas amarellas,  
E as flores alvas e bellas,  
De uma essencia tão fagueira,

Tinha um perfume tão grato,  
Que todos já pecebestes  
Que estou fazendo o retrato  
De uma linda laranjeira.

Pois bem, amigos Sargentos.

No meio dos seus *verdores*,  
Entre o *amarello* das fructas  
E entre a *brancura* das flores,  
Sob o docel esplendente  
Do ceo *azul*, matinal,  
Nessa linda laranjeira,  
Que era a imagem verdadeira  
Da Bandeira Brasileira,  
No meio do mattagal,  
Um Sabiá vitorioso,  
Cheio de amor e civismo,  
Num surto de patriotismo,  
Cantava, alegre e orgulhoso,  
**O Hymno Nacional!!!**

Sargentos de minha Patria!  
Filhos de Osorio, Caxias,  
Barroso, Tamandaré,  
Bartholomeu de Gusmão,  
Santos Dumont, palinuro  
Divino da Aviação,  
Pois que a nossa Patria Amada  
Palpita, representada  
Nesse bello Pavilhão,  
Para um dia defendel-o,  
Se a tanto fôr obrigado,  
Me vereis ao vosso lado,  
Rugindo, como um leão,  
Ou, se melhor, na vanguarda,  
Ná mão direita,— a espingarda,  
Um livro, — na mão esquerda,  
No cinturão,— uma espada,  
A imagem de Jesus Christo  
Em pão brasil modelada,

Pendente do coração,  
Na lucta accesa, luctando,  
Enfrentando o adversario,  
Como um soldado honorario,  
Vosso amigo e vosso irmão.

Agora, na paz, Sargentos,  
Com a Patria pacificada,  
Como o passaro canóro  
Da laranjeira enflorada,  
O sabiá cidadão,  
Estarei tambem comvosco,  
Não, fardado de soldado,  
Mas de perneira e gibão,  
Pisando o chão do terreiro,  
Sambando de pé no chão,  
Tangendo a viola magoada  
E cantando uma toada,

Que esta é o Hymno Brasileiro  
Do cantador, do violeiro,  
Que é o sabiá seresteiro  
Dos mattos do meu Sertão.

\* \* \*

---



## SCENARIO

*Era noite. O Plenilunio clareava o terreiro de uma Fazenda, no sertão, onde um "cardume" de moças, moços, velhas e velhos se agitava na tumultuosa alegria de uma festa tradicional. Flautas, violas, cavaquinhos, harmônicas e violões gemiam sua queixa amorosa ao espirito da noite, que parecia ter sido convidada para o rumoroso festival. Achando-se presentes um poeta da cidade e um afamado cantador daquellas paragens, (quero dizer: — a Lyra e a Viola...) accedendo ao convite de todos os convivas para que saudassem o sol, que estivera esplendido naquelle dia, e á Lua, que vinha desabrochando n'uma das suas mais encantadoras apparições, depois de vibrante salva de palmas, em meio de profundo silencio, assim começou o poeta a sua oração.*



**S**ENHORES! O Sol é homem!

Symboliza a Omnipotencia  
da sciencia e da energia.

A Lua é mulher, Senhores!

E sendo mulher, encanta!

Mas, sendo mulher, varia!

Varia, porque, em verdade,  
o Sol, masculo e fecundo,

desde o principio do mundo,  
não deixou de illuminal-o  
com o facho do seu clarão!  
A Lua, se tem vontade,  
nos brinda com a claridade,  
para depois, de maldade,  
deixar-nos noites e noites  
em completa escuridão!

A sciencia regista um facto  
de profunda observação;—  
a mulher, que é pirracenta,  
não faz o mal por pirraça!  
Faz o mal por devoção!  
E se a Verdade não mente,  
toda a Verdade se encerra  
nesto confronto evidente.

De manhã, heroicamente,  
na crista daquella serra,  
ponctualmente, fatalmente,  
vê-se o Sol apparecer.

E a Lua, com os seus caprichos,  
que anda sempre com as estrellas  
comadreando em cochichos,  
não tem hora de nascer !

Finda a missão da jornada,  
o Sol, á hora aprazada,  
no esplendor da apotheose,  
começa a descer a escada  
do horizonte, em rosiclér !

A Lua, sempre aluada,  
sempre e sempre irreflectida,  
não tem hora de partida !

Segundo a sua nevrose,  
vae-se embora, quando quer !

O Sol, sempre obediente  
ás ordens do Omnipotente,  
nunca teve a ousadia  
de andar pelo céo, de noite,  
fazendo o papel de espia  
de nocturnas bacchanaes !

Mas quem já não viu a Lua  
deixar a noite, que é sua,  
para andar no céo, de dia,  
desrespeitando a harmonia  
das proprias leis naturaes ? !

E porque ? Por ser curiosa,  
ser vaidosa e nada mais ! !

O Sol, que é o Sol, sempre o mesmo,  
na sevéra austeridade,  
como o emblema da Verdade,  
sempre é o mesmo na altivez !

A Lua, se é hoje inteira,  
amanhã, vem por metade;  
e, assim, vae escasseando,  
vae minguando, vae minguando,  
até sumir-se, de vez !

Por isto, o Sol desconfia  
que, quando a Lua nos deixa,  
sem nós sabermos porque,  
vae vagar por outros mundos,  
vae seduzir outro amante,  
outro Sol, que elle não vê !

Se o Sol, na hora do eclipse,  
aproveitando esse ensejo,  
na Lua vae dar um beijo,  
um ósculo de vulcão,  
a Lua finge um desmaio,  
*vergonhosa*, esconde o rosto,  
faz tanta macaqueação,

que o Sol, que conhece a Lua,  
sem dar signal de desgosto,  
procura imitar a Lua,  
e, sorrindo, continua  
sua peregrinação.

Pois assim mesmo, illudido,  
reaccendendo o seu pharol,  
o Sol, bem considerando,  
continúa illuminando  
a Lua, pois é sabido  
que a luz da Lua é do Sol.

Quando a Lua, a Lua nova,  
muito fininha e amarella,  
surge, em nova apparição,  
não nos parece a costella,  
que Deus, quando Adão dormia,  
tirou do corpo de Adão ? !  
E porque, sendo tão bella,

sendo a mulher tão perfeita,  
foi feita de uma costella,  
quando podia ser feita  
das fibras de um coração ? !

Pois se é costella do homem,  
por esta mesma razão,  
deve pertencer ao homem  
por direito e gratidão !

E as manchas que tem no rosto ? !  
A sciencia afirma umas coisas  
que são provaveis... talvez !

Porem a Lua tem labias  
para enganar a sciencia,  
e aquellas manchas nos provam  
que alguma cousa ella fez !

Uma lenda dos indigenas  
nos diz, positivamente,

que a origem daquellas manchas  
é uma historia *complicada*.  
entre a Lua e um seu parente !

Porque a mulher, como a Lua,  
com tantos adoradores,  
tem coração leviano !!

E tanto assim, meus senhores,  
que outra victima da Lua  
é o velho Mar, soberano,  
que vive no mesmo engano,  
em noites de lua cheia,  
como um doido, a esbravejar,  
em suas ancias supremas  
e em brancas espumaradas,  
a derramar seus poemas  
pelas areias prateadas  
das praias enluaradas,  
que até parecem risadas

e gargalhadas da Lua,  
que está se rindo do Mar !

Como é triste ouvir-se, á noite,  
quando elle está concentrado,  
o Mar gemendo, ajoelhado,  
n'uma prece, a supplicar  
que a Lua deixe as estrellas,  
deixe o céo crivado de ouro,  
e venha ver o thezouro  
que lhe ha de ser offertado,  
e que elle guarda encerrado  
em tantas conchas de perolas,  
que só Deus pôde contar!

E' triste, sim, muito triste!

Mas inda é muito mais triste  
ver-se o Monstro, acabrunhado,  
depois de passar a noite,  
contra a Lua revoltado,

morrendo á beira da praia,  
sem um gemido, cansado!!  
E antes que o Sol desponte  
na fronte azul do horizonte,  
ver-se a Lua se sumindo,  
perfidamente sorrindo  
de ver o Mar desmaiado!

A Lua é mulher, senhores,  
e tudo está decifrado!

Porque é triste ver-se, á noite,  
o Mar abraçando a Terra,  
e a Terra beijando o Mar!

E' a maneira mais sublime  
de um ao outro consolar!

O Mar pensando na Lua,  
e a Terra, triste, pensando  
no Sol, que só a illumina  
por Deus assim o ordenar!

O Sol não gosta da Terra,  
mas nós sabemos que a Terra  
tem profundo amor solar!

A Terra tambem é rica!  
E' dona de uma fortuna,  
de uma herança fabulosa,  
tão grande e tão portentosa,  
que se ella fosse orgulhosa,  
podia erguer sobre a terra  
com tanta joia preciosa,  
montanhas e mais montanhas!  
Mas, singela, sem vaidade,  
sem a escandalosidade  
da Lua, com as suas manhas,  
esconde a sua riqueza  
nas suas proprias entranhas!  
  
E' uma *modestia* orgulhosa,  
que facilmente se explica:  
não ostenta; se contenta

em saber que nós sabemos  
que ella é rica; é muito rica!

A Terra é mulher... e basta!  
E' preciosa! E' caprichosa!  
E as bobices e tolices  
da mulher, só Deus explica!

Mas o Sol, que adora a Lua,  
é um philosopho exemplar!  
Pois enquanto o Rei do dia  
soffre com philosophia  
as inconstancias da Lua,  
caçoando dos dois amantes,  
se rindo dos dois rivaes,  
o Mar, em crises constantes,  
em impetos delirantes,  
já não vendo mais a Lua,  
sentindo saudades della,  
pensando não vel-a mais,

uiva, ruge e se encapella,  
o proprio céo desafia,  
e quem paga esses rompantes  
da sua hyperesthesia,  
somos nós, pobres mortaes!

O sol é homem! E' firme!  
A lua é mulher! Varía!  
Varía! E se ella morresse,  
falta alguma nos faria!  
Porem se o Sol falecesse,  
o mundo se extinguiria!  
Sem a cabeça do homem,  
a mulher não existia!

Agora vêde, Senhores,  
como o poder do destino  
faz os Genios deseguaes!

O Mar, gigantesco e bello,  
vendo a Lua, o seu tormento,  
em trismos de desalento,  
transforma-se num Othelo!

E o Rio, calmo e silente,  
reflecte, serenamente,  
o firmamento e as estrellas  
no seu leito nupcial,  
reflectindo a propria Lua,  
que nas aguas retratada,  
parece uma outra Lua,  
que elle adora, idealizada  
na su'alma de crystal!

E a Lua, assim retratada,  
por elle idealizada,  
é mais formosa e saudosa  
do que a Lua original!

E enquanto o Mar desespera,  
rugindo, como uma fera,

o Rio, na doce calma,  
vae levando dentro d'alma  
a doce imagem da Lua,  
pura, casta e virginal!

Outra victimá da Lua:  
— o Rio sentimental!

Eu vou dizer-vos uns versos  
que o Mar recitou á Lua,  
numa noite tão serena,  
que até parece que a noite  
silenciava, para ouvir!

O Monstro estava tão calmo,  
que eu só ouvia os singlutos  
do velho Monstro, a carpir!

A Lua, no céo, de bruços,  
ouvia aquelles soluços,  
indiferente, a sorrir!!

fuel

Eis aqui os bellos versos  
que, muito pallidamente,  
escrevendo sobre a areia,  
eu pude reproduzir.

« O' Lua, que és tão linda e que és tão pura,  
« pensas, talvez, que o Mar agigantado  
« não pôde ter no coração salgado  
« um bocado de luar e de doçura ?!

« O amor que te consagro é tão intenso,  
« que sempre, ó Lua, que no céo desmaias,  
« eu pareço um thuribulo de incenso,  
« incensando de espuma as alvas praias !

« Porque consentes, quando esta alma anseia  
« por te beijar a bocca de jasmim,  
« com a tua placidez de lua cheia,  
« que as estrellas no céo riam de mim ?!

« Se enfrento todo o horror da tempestade,  
« se adoro só a ti e a Liberdade,  
« porque escarneces deste grande amor ?!  
« Maldicta seja a tua claridade,  
« se não és o luar da minha dor!

« Se te somes, meus ais são tão profundos,  
« que eu imagino, em meu furor insano,  
« que andas a divagar por outros mundos,  
« beijando a fronte azul de outro oceano!

« Porque és fria e sou frio e tu me escaldas ?!

« Porque minha oração nunca te alcança ?!

{ « Porque é que eu tenho a cor das esmeraldas,  
« e não tenho a illusão de uma esperança ?! }

« Quando espumejo o alvor das minhas maguas,  
« não vês, quando na areia me debruço,  
« que o sangue verde destas minhas aguas  
« são preces verdes, que por ti soluço ?!

« Tu tens tanto poder, tanta magia,  
« perfumando de luz a Terra inteira,  
« que até meu acre odor de marezia,  
« com teu cheiro de noiva, que inebria,  
« fica cheirando a flor de laranjeira!

« Tu desprezas o Mar, que tanto te ama,  
« e amas, talvez, o sol, que não te quer!  
« Por teu amor, pela saudade tua,  
« meu coração se agita e tumultúa,  
« mas Deus, que fez o Mar e fez a Lua,  
« não te deu coração, porque és mulher ! »

\* \* \*

Mas deixemos o oceano,  
o velho Mar, soberano,  
pobre vítima do Amor,  
para falar-vos agora,  
sem o rigor do analysta,  
mas, sim, com alma de artista,  
poeta, musico e cantor.

\*\*\*\*\*

*Neste ponto, o bardo interrompeu o curso da sua oração, porque a moça mais bella do divino cenaculo levantou-se e veio offerecer-lhe a flor que ornamentava o diadema dourado dos seus cabellos louros. Era a sua Dulcinéa, de quem não havia recebido ainda o mais leve sinal de gratidão pelo amor que lhe devotava. Ia continuar, ironizando a Lua e a mulher, mas, com a bênçam daquella offerta, a sua alma illuminou-se como inundada por um luar interior! A Lua, que tinha nascido alvissima, mas que se velára um pouco desde que elle começou a recitar, rasgou, como por encanto, o véo de nuvens que a encobria, e a flauta e os vioões choraram um dos seus choros mais chorosos, que era bem um hymno á offerta da flor, á resurreição do luar e á transformação do poeta.*

*Quando os instrumentos expiraram os ultimos suspiros do choro, o poeta, divinizado, n'um silencio ainda mais profundo, e mudando o rythmo do seu poema, assim recomeçou a sua interrompida recitação, elogiando a Lua e a mulher.*

\*\*\*

SENHORES! O sol é homem!  
E não ha forças que domem  
seu poder maravilhoso!  
Mas se o Sol, se o Sol glorioso,  
se o Sol é um deus luminoso,  
um cerebro em combustão,  
a Lua, magnificente,  
ha de ser, eternamente,  
sempre e sempre, — um coração!

Pois se Deus, segundo a Biblia,  
fez a mulher da costella  
de um homem, por ser mortal,  
fel-a assim para que o homem  
a consagre no milagre,  
no milagre de ter feito  
do osso de uma costella  
um coração divinal!

E se a Lua não consente  
que o sol a beije no eclipse,

que fôra um beijo innocent,  
se o sol não fosse mentir,  
é porque sabe que o homem,  
antes do beijo, é um carinho,  
mas que, depois, é um espinho  
que fêre e sabe pungir!

E, finalmente, Senhores,  
falar das manchas da Lua  
com maliciosa ironia,  
é perfidia, é covardia!  
Se os sabios dizem que a Lua  
é um corpo morto, que, apenas,  
o Sol com a luz alumia,  
nada tenho com a sciencia,  
porque eu não contemplo a Lua  
com os olhos da astronomia!

Pois o Sol tambem tem manchas,  
e se ellas fossem peccados,

das manchas que o Sol encobre  
com os raios esbraseados,  
muita coisa se diria! . . .

Mas se os sabios sabem tudo,  
e querem que sejas muda,  
muda e surda e cega e fria,  
bemdicta sejas, ó Lua,  
pois se és fria para os sabios,  
para os poetas e os prophetas  
tu és o Sol da Poesia!

Se o sol morre combatendo,  
em sangue rubro fervendo,  
no incendio de um fogaréo,  
a Lua sempre fallece,  
rezando, triste, uma prece,  
e com saudades do céo!

E eu vos direi, como poeta,  
que quando a Lua nos deixa,  
quando ella desapparece,  
rezando, triste, uma prece,  
é porque vae, meus Senhores,  
vae inspirar n'outros mundos  
outros poetas superiores  
aos deste mundo de atheus,  
outros poetas mais poetas,  
mais cultos, mais inspirados,  
e muito mais adeantados,  
que estão mais perto de Deus!

Bemdicta sejas, ó Lua,  
porque me dás a illusão  
de que sempre quando passas  
juncto ao Cruzeiro do Sul,  
tu te concentras e rezas  
uma prece afervorada

por toda a estrella apagada  
nesse Infinito do Azul!

Bemdicta, bemdicta sejas,  
porque mesmo o cão, sem dono,  
triste, enfermo, em abandono,  
quando a miseria o consome  
e a fome o faz delirar,  
consola a miseria e a fome,  
em uivos, a te saudar !

O sol, desde que alvorece,  
como um clarim, clarinando,  
vem chamando os luctadores  
para o combate da vida,  
porque viver é lutar !

A Lua, como uma lyra,  
desde que vem despontando,  
no altar da noite cantando,

vem acordando os cantores,  
a legião dos sonhadores  
para com ella sonhar !

Porque o Sol, o Sol, candente,  
o Sol é um clarim fremente,  
fazendo o mundo vibrar,  
e a Lua é uma serenata  
dos anjos e dos archangos,  
fazendo a Terra cantar !

Bemdicta sejas, ó Lua,  
que já foste musicada  
numa *Sonata Enluarada*,  
pelo Genio de Beethoven,  
o maior Genio dos Genios  
que tu soubeste inspirar,  
e, tambem, bemdicta sejas,  
porque tu já me inspiraste

em outras noites mais gratas,  
em saudosas serenatas,  
que tambem eram sonatas  
que eu te cantava ao Luar.

Desde o Nascente ao Poente,  
a caminhar, solitario,  
sem repouzar um momento,  
subindo e depois descendo,  
proseguindo o itinerario,  
o Sol, o eterno operario,  
vem varrendo o firmamento  
das infindas amplidões,  
para, depois, vir a Lua,  
rodeada de escravas de ouro,  
ostentar todo o thezouro  
das suas constellações !

Deus fez o Sol sabio e pobre,  
porque ao Sol assim convem !  
Mas a Lua, que é formosa,  
e Deus já fez orgulhosa,  
recebeu da Providencia  
tanta joia luminosa,  
que ella nem sabe o que tem!

Bemdicta sejas, ó Lua,  
que as proprias feras encantas,  
e sabes tudo encantar,  
porque, como disse o poeta  
numa trova consagrada,  
até a onça traçoeira,  
ao ver-te, fica pasmada,  
e leva uma hora inteira,  
assentada na clareira,  
vendo a Lua, a meditar!

Se o Sol, com os raios cremantes,  
é que fecunda os gigantes  
dos arvoredos possantes  
e os mattagaes enfolhados,  
a Lua, que é jardineira,  
é que floresce a roseira  
dos corações namorados !

A Lua, que em seus mysterios,  
desce dos ceos estrellados,  
para andar nos cemiterios,  
orando pelos finados,  
regando, em lagrimas puras,  
as *saudades* espontaneas  
que brotam nas sepulturas  
dos mortos abandonados !

Bemdicta sejas, ó Lua,  
noiva eterna dos finados !

Noiva estrellada de goivos !  
Noiva das noivas e noivos !  
E noiva dos desgraçados !

O Sol, que emmurchece as folhas,  
convertendo as folhas seccas  
n'outras folhas remoçadas,  
das plantas velhas, cansadas,  
faz o estrume, as adubadas,  
para injectar sangue novo,  
sangue novo e seiva nova  
na terra, que ja cansou !

A Lua é que vem, de noite,  
como Irmã de Caridade,  
com o seu oleo de piedade,  
dar a extrema-uncção ás plantas,  
que o Sol, de dia, queimou !

O Sol não chora ! Ao contrario,  
sorve as lagrimas que a Lua

e és de toda a humanidade  
a hostia confraternal!

Bemdicta sejas, o' Lua,  
Alma da Alma Universal!

O Sol, o chimico eterno,  
que todos nós respeitamos,  
faz da Terra que habitamos  
um grande laboratorio,  
para a vida eternizar!

Mas basta que surja a Lua  
e os cirios de ouro, estellares,  
accenda nos seus altares,  
onde começa a rezar,  
para que Icgo transforme  
o céo, — num zimborio enorme,  
o espaço, — num templo augusto,  
e a Terra, — num grande altar!

Bemdicta, bemdicta sejas,  
Lua mimosa e faceira,  
como a mulher brasileira,  
sempre dengosa e gracil!

Bemdicta, bemdicta sejas,  
Lua, flor da laranjeira,  
da laranjeira florída,  
que, florída e enfructecida,  
ostenta todas as cores  
da nossa linda Bandeira,  
sempre formosa e gentil!

Bemdicta sejas, ó Lua,  
abençoada *Flor da Noite*  
das noites do meu Brasil!

\* \* \*

SENHORES ! Nesta alliança  
do Sonho e a Realidade,  
o Sol é o Pae da Esperança,  
e a Lua é a Mãe da Saudade!

Pois, se Deus, o Omnipotente,  
creando a Lua dolente,  
deu-lhe um coração que sente,  
que soffre com os visionarios,  
com os poetas solitarios,  
irmãos gemeos de Jesus,  
foi para a Lua, Senhores,  
ser mãe dos nossos amores,  
mãe das nossas velhas dores,  
mãe da Dor, que a Deus conduz,  
mãe das nossas amarguras,  
e até das nossas loucuras,

que ella acalenta e amamenta  
com o leite da sua luz!

Bemdicta sejas, ó Lua,  
porque tu és a veronica  
do Archanjo da Inspiração!

Bemdicta, bemdita sejas,  
ó Lua santa, santissima,  
misericordiosissima  
Nossa Senhora da Noite,  
do Sonho e da Solidão!

Bemdicta sejas, ó Lua,  
que a todos os nossos crimes  
dás a bênciam do Perdão!

\* \* \*

Deixemos que o Sol, vibrando,  
viva, em sonhos, se abrasando  
em seus perennes ardores!

Porque, em verdade, Senhores,  
se o Sol se consorciasse  
com a Lua, e se escravizasse  
ao seu poder seductor,  
a Lua perdia o encanto  
de sua eterna poesia,  
e o Sol, perdendo a energia,  
talvez perdesse o calor!  
E o Sol, perdendo o vigor,  
o mundo se acabaria!!

Pois se o Sol é que irradia  
a vida, a luz e a alegria,  
a Lua, em sua nobreza,  
a Lua, sendo a poesia,

é o coração da tristeza,  
é a gloria da natureza,  
é o Sol da melancolia!!

\* \* \*

SENHORES ! Em concluzão!  
Se o Sol symboliza a Sciencia,  
e a Lua, — a Religião,  
devemos sempre saudal-os,  
ao Sol, com uma continencia,  
e á Lua, com uma oração!

AGORA, Chico Azulão,  
tempera a tua viola,  
e, numa improvisação,  
dize tudo o que tu pensas  
do Sol, o amante da Lua,  
e da Lua, o seu condão.

Tem a palavra o violeiro,  
o cantador do sertão.

O ultimo verso do poeta foi saudado por uma "fusilaria" de palmas ! A orchestra das violas e violões rompeu na al-leluia de um "choro" tão suggestivo que os proprios instrumentos pareciam applaudir o hymno angelico do bardo ! Houve até quem visse a imagem do Sol no Poente, saudando a Lua ! E a Lua, — o coração da Noite — parecia ter explodido n'um diluvio de flores, que eram as estrellas, scintillando no alto céo do sertão brasileiro !



## FALA CHICO AZULÃO



SEU doutô! Eu lhe agaranto  
que intê mérmo o Só e a Lua  
lhe dava toda rezão,  
uvindo váincê fazê  
esta linda falação!

Na sua comparação,  
váincê diz que o Só é hôme  
e hôme macho não trocêa!  
É diz que a Lua é muié  
e muié fême varêa!

Agora eu tombem lhe digo  
que a Luá não tem juizo  
e sendo irmã da muié,  
já tem de mêmô uma veia!

O Só nunca andou de noite,  
mas a Lua anda de dia!  
Anda de dia e parece  
que ella vem d'arguma orgia!...

Vasmincê disse que a Lua,  
quando se osênta da gente,  
vae atraz d'outro praneta!  
Váincê tá munto enganado!  
Ella vae mas é pras farra!  
Vae farriá cum os cometa!

Pru via disso ella vórtta  
ansim magrinha e tão feia,  
pra hí de novo engordando,  
inté ficá Lua cheia!

A Lua não tem rejume!

A Lua é muié! Varêa!

Eu não gosto de muxice,  
nem falo da vida aleia!

Mas pruque ella vae fugindo,  
quando engorda e fica cheia!! ?

Vasmincê creia ou não creia,  
mas aquillo é malandrage,  
e aquillo tem uma históra  
e uma históra munto feia!

O Só tá sempe cum a gente,  
tá sempe fixe e na hora!

A Lua, cumo praneta,  
quando lhe dá na veneta,  
bate o arco e dá o fóra!

E aquellas mancha da cara,  
tombem tem a sua históra!

Mas eu não lhe conto nada,  
pruque eu não sou faladô!  
Vamo assuntá n'outras coisa,  
que é mais mió, sim, sinhô!

Pur inzempro: eu tenho visto  
que o phenômico do icripe  
é cumo váíncê contou.  
A Lua vem, vem chegando!

Já tá pertinho!... Chegou!  
Mas quando chega na hora  
que a onça vae bebê agua,  
gorogotó! Encrencou!  
Ella dá um faniquito,  
varêa, muda de cô,  
e o Só fica c'uma cara  
de quem viu e não porvou.

Mas o Só sabe que a Lua  
cumo é fía de costella,

tombem podia sê fía  
d'um jueio, uma canella.

E eu vou dizê uma coisa  
que vasmincê se esqueceu:  
— quando a Lua tá redonda,  
parece a maçã da Eva,  
que, cum perdão da palavra,  
o bobo do Adão comeu!

E pru maió calamô,  
Adão, que táva cum fome,  
comeu a fruta e gostou.

Sé não tivesse gostado,  
os hôme não táva agora  
pagando tantos pecado!

Mas a Lua é orguiosa,  
é cabeçuda, é teimosa,  
e sabe que é desejada!

A onça namora a Lua,  
mas ella namora tudo,

pruque não gosta de nada!  
Parece inté Madalena,  
que ánte de vê Jesú Christo,  
andava munto sestrosa,  
cum a cabecinha virada!  
Cumo ella é rica e xuntosa,  
de tudo faz caçoada.

Pruque é que a Lua caçôa,  
do Má, cumo faz cum o Só ?!  
E' pruque chêra a suó ?  
Pruque tem gosto de sá ?  
Mas não é farta de banho!  
E' de munto trabaiá!

O Má é um cabra veiáco!  
E' farso! E' máu! E' crué!  
Mas não farta cum a palavra,  
quando é hora da maré!

Póde o Má sê assassino!  
Sê um Antonio Sirvino!

Pode sê um Lampeão!  
Abasta que veje a Lua,  
pra sevê que o cabra macho  
tem arma e tem coração!

E o coração da muié,  
Seu doutô, onde é que tá ?!

Iscute! Eu vou lhe ixpricá!

Váincê tá vendo a lagôa  
daquella baxa ? Aculá ?

Oie pro fundo das agua,  
que logo váincê verá  
a cara da sua cara  
lá, no fundo, aí lhe ispiá!

Fique lá o dia intêro,  
que a cara não sáe de lá!

Váincê se rindo, ella ri!  
Váincê chorando, ella chora!

Mas se váincê vae-se embora,  
d'uma vez, pra não vortá,

a cara da sua cara  
pra sempe se assumirá!

O que ella fez cum o sinhô,  
que sabe lê, que é doutô,  
faz, cum a mérma catimbôa,  
cum o premêro, que vinhé!

Apois aquella lagôa  
é o coração da muié!

Vasmincê disse que o Rio  
vae caminhando, contente,  
quando leva dento delle,  
a Lua, a sua paxão!  
Mas o Rio é um bestaião!

Apois o Rio inguinóra  
que ella tá fazendo fita,  
fazendo delle um ispêio,  
pravê se ella tá bonita!

A Lua méxe cum tudo!

Méxe cum os doido, cum os louco,  
méxe cum o tempo, cum as pranta,  
cum as criancinha nascidá,  
cum as espinhela cahida  
das muié, e eu não lhe minto,  
se lhe dissé que inté mérmo  
ella méxe cum as gallinha,  
quando tá tirando os pinto!!!

Inda que má lhe pregunte:  
esse Bitôve, esse musgo,  
que fez a musga pra ella,  
seria mió que o Chico,  
que só cantava nas corda  
pra Mariquinha Pinguélla,  
e que ao despois se casou-se,  
e a muié deu de canella ?!

Coisa de musga e de verso  
pras muié não tem sentido!

A Lua qué uma estrella  
e a muié qué um vestido!  
Váincê não dê nada disso,  
e leve fazendo verso,  
que tudo é tempo perdido!

Maginando nestas coisa,  
tive sempe um pensamento:  
— eu penso que o Só e o Má  
devia sê cumo o Vento.

O Vento é um fecha-bodéga,  
que a gente sente na gente,  
mas não se vê, nem se pega!

E pra falá cum crarêza,  
eu lhe digo cum franqueza  
que o Vento é meu irmão gêmeo !  
E' cumo lá diz o outro:  
um vagabundo, um bohemio !

Elle anda de noite e dia  
passeando pulas cidade,  
vadiando pulos vargedo,  
no meio das mataria.

Assopra e faz rí as agua  
das lagôa e dos regato.  
Quando avôa, de mansinho,  
vae, de mansinho, brincando  
cum as fôia verde dos matto.

Se pássa pul'um jardim,  
entra, e méxe c'uma rosa!...  
Bêja a fulô mais chêrosa!  
Roda em redó d'um jasmim!

Vira despois jardinêro!  
Vae de cantêro em cantêro!  
E sáe chêrando a alecrim!!

Se tá molengo e cansado,  
vae-se 'deitá, refrescado,  
na rede dos arvoredo!  
Drôme e sonha, pruque o Vento  
sabe de munto segredo!  
Acorda de minhã cedo,  
se de noite não ventou!  
E acorda ainda chêroso,  
apos quanta sáia nova  
e quanto vestido novo  
o Vento não levantou!!

Se tá fazendo calô,  
toma banho nas lagôa,  
e vae avoando, atôa,  
varando os matto orvaiado,  
e outras vez, dizimbestado,

n'uma dizimbestaçāo,  
rancando as fôia das árve,  
que fica, de pé, chorando,  
vendo ás fôia, em disparada,  
rolando pulas estrada,  
pulas arêa do chão!

O Vento qué liberdade!  
Qué viyê sempe á vontade!  
Não tem tempo, não tem hora!  
Quando elle qué, elle apára,  
quando não qué, vae-se embora!  
Elle mora em toda parte,  
mas ninguem sabe onde mora.

Não é só cum os innocentē  
que o Vento se azanga e isturra!  
Quando o Má vira valente,  
e qué jogá capoêra,  
elle dá-lhe cada surra,  
que não é de brincadêra!

Mas, quando o Vento se damna,  
hôme, Terra, Só e Má,  
tudo estremece, pensando  
que o mundo vae-se acabá!!

Os hôme tem munta prosa,  
mas quando o Vento truveja  
e cumeça a istoncerá,  
os hôme fica tremendo,  
cumo as agua do riacho,  
quando o Vento vae fazendo  
as agua se arripiá!

Tem dia que a gente pensa  
que o Vento tá xumbregado,  
ou, entonce, indoideceu!  
E o Vento, quando se atreita,  
o Vento só arrespeita  
Deus e São Bartholomeu!

Seu doutô, eu não lhe juro,  
pruque nunca fui judeu!  
Mas porem, ás vez, o Vento  
fica tão manso e mimoso,  
e -(com perdão da palavra)....  
tão fresco e tão não-sei-quê,  
que a gente fica pensando,  
fica banzando e mardando  
que o vento ansim, tão dengoso,  
vira muiê... e outra coisa  
que eu não lhe devo dizê!!!!...

Mas vasmincê me discurpe  
esta minha falação,  
pruque o vento é sempe o Vento,  
— sêje brisa ou furacão!

Cumo farrista, é vuluve!  
Quando não qué tá no baxo,  
vae prô céo, brincá cum as nuve!

Faz d'uma nuve um brinquedo,  
um carnerinho, um gatinho,  
um bicho que mette medo,  
prá despois dismanchá tudo,  
e fazê outros brinquêdo!

O cabra é inguinorante,  
não sabe lê, mas faz coisa  
que ninguem nunca pensou!

Quando elle garra uma nuve  
e faz cum a nuve as image  
que os artista faz no mármo,  
o Vento vira iscurtô!

Pintando, cumo elle pinta,  
cum a cô de todas as tinta  
do Só, nascendo ou morrendo,  
O Vento vira pintô!

De pintô vira poeta,  
e prô Vento sê poeta,

abasta que o vento veje  
um jardim cheio de frô!

E quando, entonce, arreméxe  
nos matagá rebolêro,  
na corôa dos coquêro,  
nas fôia dos bambuêro,  
nas árve dos çumitéro,  
nos cypreste gemedô,  
elle canta e toca musga,  
pruque é musgo e cantadô!

Faz tudo que elle deseja!  
O vento intê toca sino,  
e reza, quando elle passa  
de noite, pul'uma ingreja!

Mas porem, o vagabundo  
só qué vivê prá gozá!

O vento não qué cazá!

Vendo a frô, chôra, namora,  
bêja, abraça e ás vez disfróra,  
mas dêxa a frô no lugá,  
pruque elle sabe que ainda  
tem munta frô que bêjá!

O Vento sabe que é macho,  
e o macho é mais do que a fême,  
e eu vou já dizê pruque é :—  
toda muié qué sê hôme,  
mas eu nunca vi um hôme  
que quizesse sê muié!

E quando um hôme deseja  
sê muié, já não é hôme ! . . .  
E' hôme perequêté . . .

*Neste ponto, o poeta sertanejo, notando que o auditorio feminino estava visivelmente "carregado", e receando uma tremenda vaia, olhou para a Lua, ficou alguns momentos pensativo e, levantando-se, como tocado por uma vara magica, recomeçou, com emphase, a sua interrampida improvisação.*

Mas, Seu doutô, este mundo  
foi munto bem imaginado!  
Quando Deus fez estas coisa,  
ja fez de caso pensado!  
Vasmincê disse uma coisa  
que eu fiquei imprenzionado!

Deus não qué que o Só se case,  
não qué vê o Só casado!  
Qué vê o Só padecendo  
e a Lua sempe trazendo  
o Só de canto chorado!

E agora eu tombem lhe digo  
que eu já tô indiguinado  
de dizê tanta mardade!

Se a muié faz certas coisa,  
não é pru sua vontade!

Nós sabêmo que ella é boa!  
Tudo quanto é catimbôa  
que os hôme diz, de ruindade,  
as pobrezinha perdôa!

Essa históra da lagôa,  
Seu doutô, não é verdade!

O hôme é que se atreiçôa!

Apois, se o hôme ispiasse  
somentes n'uma lagôa,  
e junto della ficasse  
dia e noite, noite e dia,  
de sentinelha e de ispia,  
a cara do discarado  
nunca mais de lá sahia!

Mas em todas as lagôa  
de agua limpa ou chavascá,  
o hôme qué vê a cara!

O hôme qué ispiá!  
E vasmincê bem me entende  
adonde eu quero chegá!

Eu falei daquellas mancha  
da Lua, cumo se fosse  
uma coisa munto feia  
de não se podê falá!

Mas porem a minha lingua  
é que tá cheia de mancha,  
pra manchá, pra imporcaiá!

Aquellas mancha nevuenta  
que ella tem dento da cara,  
não é nada de cabórge!

E' um Santo munto falado,  
que tá lá dento da Lua,  
no seu cavallo amuntado,  
e o Santo chama — São Jorge!

\* \*

Se a carapuça lhe serve,  
Seu doutô não arrepare,  
pruque a gente diz as coisa,  
quando as coisa é naturá!

O hôme é um gallo que pensa,  
irmão do gallo de penna,  
do gallo irrationá!

E' taliquá! Taliúá!

O gallo tá no terrêro!  
Elle tá no seu quintá!  
O diabo tá cum as gallinha,  
cum as franga mais bonitinha  
que vasmincê maginá!

Se passá uma gallinha  
no terrêro da visinha,  
vasmincê logo verá  
o raio do iscumungado  
dispará, cumo um damnado,  
atraz da gallinha choca,  
piôienta e rabujenta,  
que inté tá chêrando má!!  
  
E nem ao mênó arrespeita  
uma mãe que vae criá!

\* \*

Inda ha pouco, a babujá,  
eu disse que o hôme macho  
vale mais que a muié fême!  
Mas não é! Eu vou porvá!

Nosso Sinhô Jesú Christo  
quando quiz se humanizá,  
não pensou em hôme macho,

e nem podia pensá!  
Mas quiz tê mãe e mãe virge,  
pras muié santificá!,  
Naceu em noite de lua,  
cumo a vóvó me dizia,  
quando contava as históra  
na vespra do seu Natá.

Sim! Jesus naceu de noite,  
mas porem morreu de dia!  
E quando Jesus morria,  
o Só, patrão, se iscundia,  
cum vregonha de se hôme,  
cum vregonha de sê macho,  
cumo o Juda, que, afiná,  
se inforcou numa figuêra,  
pruque vendeu Jesú Christo  
pros hôme crucificá!

Seu moço, eu tenho sobrôço,  
tenho medo de peccá!!

Mas, pra mim, o Só podia  
cantá noutra freguezia  
e nunca mais cá vortá!!

Pra que serve o Só de dia ?!!  
E' pra nós se amofiná !!  
Ánte fosse sempe noite,  
mas uma noite de lua,  
pra nunca mais se acabá!!

Meu patrão: o Só e o Má  
tem de tá sempe a pená,  
vivendo nesse turmento,  
pruque é sorte, é sina sua!!

Eu queria sê o Vento,  
mas porem, ánte eu queria  
sê muié, se eu fosse a Lua!

A Lua é mãe da Sôdade,  
cumo disse Seu doutô!

A Lua tudo consola!  
A Lua é cumo a viola,  
que é o insturmento do Amô!

Se a Lua, patrão, se a Lua  
tem tanta, tantas estrella,  
que nem pôde sê contada,  
é pruque Deus viu que a Lua,  
sendo muié, deve sempe  
andá no céo enfeitada.

Quando eu vou tocá n'um samba,  
vou discarso, na embolada!  
Vou cum a roupa arremendada,  
pruque de chêro e de enfeite  
os hôme não nicissita!

Mas porem, minha viola  
vae sempe nova e bonita!  
Não vâe crivada de estrella;  
mas vae crivada de fita!

Patrão, se as muié se enfeita,  
não é pru via dos hôme!  
E' só pra fazê pirraça  
pras outra, que se consome!  
Apois, mostrando umas fita,  
não ha caboca bonita  
que vendo as fita, não cáia!  
Apois se eu levo pras festa  
minha violinha enfeitada,  
é só pra fazê ciumada  
nas viola que veste sáia!

Vou cum a roupa isfarrapada,  
mas levo as fita e os enfeite  
cá dento do coração!  
O coração tá nos dedo,  
que faz a improvisação!

Mas porem, o pinho, a viola,  
que geme e canta cum a gente,  
sendo a nossa namorada,

acompanhando a canção,  
deve andá sempe enfeitada,  
pruque é muié, meu patrão!

Quem foi esse mafião  
que disse um dia, patrão,  
que a Lua no céo não sente,  
quando as cabôca innocenté,  
chérando a fogo queimado,  
piza o coração da gente,  
sapateando um baião ?!

Quem foi que disse, patrão ?!

Serra Verde, Zé Pinhão,  
Bêra d'Agua, Bacuráo,  
Zé Pelado, João Mingáo,  
Mané Três Pote, Azulão,  
o Chico Orêia de Páo,  
e mais esse Seu Bitôve,

esse musgo de valô,  
cantáro sempe pra Lua,  
que foi sempe a cumpanhêra  
desses grande tocadô!

Apois, quando a Lua escuta  
uma viola acagibada,  
fica no céo aparada,  
fica besta, fica inxúa,  
cumo a onça, oiando a Lua,  
cumo disse o Seu doutô!

A Lua tem sentimento  
e é feita toda de amô!

Ella não é cumo o vento,  
que qué sê sinhô das pranta,  
e qué ficá cum o direito  
de disfoiá toda frô!

Não é tombem cumo o Rio,  
que, cum uma parte de sonso,

é máo, é farso e treidô!  
Não é tombem cumo o Só,  
que mata as pranta viçosa,  
que a Terra, a mãe carinhosa,  
cum tanto mimo criou!

Não é tombem cumo o Má,  
que, sendo da mérma laia,  
qué sê o dono das praia,  
que ameaça com furô!

Ella é boa, cumo a Terra,  
que gosta tanto do Só,  
mas elle não gosta della,  
pruque a Terra não é bella,  
cumo a Lua, não, sinhô!

Se o Só lhe dá luz de dia,  
não é lá pruque elle quêra!  
E' pruque Deus ordenou.

Mas o pió do berrêro  
é que o hôme arrizinguêro

qué vencê o mundo intêro,  
e qué de tudo dá cabo!  
Mas eu tenho pena delle,  
que o hôme é um pobre diabo!

Pra que tanto ispiloncá,  
se a muié, garrando nelle,  
faz cum elle a mêmra coisa  
que o gato faz cum o ratinho,  
atirando o pobrezinho  
d'aqui, pra alli, pra acolá,  
inté matá o bichinho  
de fazê tanto carinho,  
e tanto e tanto brincá!!

E aqui lhe digo um segredo,  
pras muié não me escutá.  
A's vez, eu fico a pensá  
que se a Lua se casasse

cum o Só, e se assujeitasse  
a dexá de sê rainha,  
pra despois se iscravizá,  
no fim de duas sumana,  
o Só se divorciava,  
a Lua se avacaiava,  
e quando a Lua quizesse  
fazê conchavo cum o Má,  
o Má, que é cabra escovado,  
já não tando apaxonado,  
intrasse a fazê préposta  
pra Lua vivê cum elle,  
inté que o Só fallecesse,  
e ambos os dois se casá!

Patrão, quando eu fico triste,  
eu penso que Deus existe,  
e havendo Deus, eu tô certo  
que Elle paga o bem cum o bem!

Apois, cumo diz o outro,  
Deus é a mais grande riqueza,  
mas é a mais grande pobreza,  
pruque dá tudo que tem!

Deus fez o mundo ansim mérmo!  
Emquanto um triste vae indo,  
outro alegre vem chegando!  
O pobre véve curtindo!  
O rico véve gosando!  
Váincê vêje a natureza:  
a prantação tá se rindo,  
quando a chuva tá chorando!

Mas porem, se no outro mundo  
não tem muié, nem tem Lua,  
nem vióla, nem violêro,  
nem noite, pra se cantá,  
vou pedí pro meu covêro  
dexá dois buraco aberto,

na cova que me interrá,  
pra de noite, á toda hora,  
botá minhas mão de fóra,  
e alegrá o çumitéro,  
tocando a minha viola  
toda a noite de luá !!

E pra tudo triminá,  
vasmincê vae dá licença  
pra mim cantá na viola  
umas trova de istruvio  
que eu cantei n'um desafio  
cum o Manduca Sabiá,  
n'uma noite de São Pedro,  
xaquaiando uma caboca,  
n'uma festa do Arraiá!

« Nossa Sinhô quando andava  
« pulos deserto, a rezar,  
« gostava de uví São Pedro  
« na viola puntiá!

« São Pedro diz que a viola  
« foi feita, n'um desafio,  
« da canôa em que elle andava  
« cum Christo, a pescá no rio!

« Não foi feita da canôa,  
« mas porem, da sua cruz!  
« A viola ainda soffre  
« tudo o que soffreu Jesus!

« Quando Deus fez a viola  
« e cumeçou a cantá,  
« a vióla gemia tanto,  
« que Deus se-poz-se a chorá!

« Deus é o Rei dos violêro,  
« quando canta o seu amô,  
« nas corda santa da lua,  
« que é a viola do Sinhô! »

\*

E agora, patrão, agora,  
que a Lua vem apontando,  
e o gallo já tá cantando  
seu canto de alamiré,  
eu vou afiná meu pinho  
pula cantiga do gallo,  
e vou-me embora cum a Lua,  
pruque outra Lua me espera  
na porta do meu mucambo,  
na minha véia tapéra,  
— a Rita do Macujé!

Mas uma coisa eu lhe juro,  
e juro pru minha fé:—  
póde a muié, póde a Lua  
sê tudo que os hôme quêra,  
tudo que os hôme quizé!

Sempe a Lua ha de sê Lua!  
E a muié, sempe a muié!

\*

Depois dos ultimos applausos, coroando o final do poema sertanejo, o violeiro, a pedido geral, cantou o "Luar do Sertão", acompanhado por todo o auditorio, que inundava o amplo terreiro da Fazenda. E assim terminou a festa daquella noite memoravel, que ficou sendo chamada em todo o sertão — A noite do Sol e da Lua.

